

GUIA DA DIVERSIDADE

LGBTI+



TODXS
Consultoria

SUMÁRIO

Sobre o guia	03
Quem são as pessoas LGBTI+?	04
O que quer dizer a sigla?	05
Pessoas LGBTI+ e interseccionalidades	07
Pessoas LGBTI+ e manifestações de exclusão	10
Mitos e verdades	12
Como posso me posicionar a favor da diversidade?	14
Linguagem inclusiva	16
Boas práticas para diversidade e inclusão	18
Seja agente da transformação	19
Trajectoria DORITOS® Rainbow	20
Sobre a parceira TODXS e DORITOS®	21

Sobre o guia

Este guia é um esforço coletivo para ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a população LGBTI+, na tentativa de fomentar uma cultura de diversidade e respeito por meio da conscientização, educação e proteção dos direitos individuais e coletivos.

Com base nos princípios de liberdade e equidade, DORITOS® Rainbow, marca de snacks da PepsiCo, e a TODXS desenvolveram este guia com o objetivo de reafirmar o compromisso com a diversidade, o respeito à todas as pessoas e para apoiar a mudança social em prol da diversidade, da equidade e da inclusão da população LGBTI+.

Como e quando usar?

Sempre que você estiver na dúvida se suas considerações, comentários e tratativas estão ajudando a construção de um espaço inclusivo, consulte este guia.

Quando tiver dúvidas sobre temas relacionados à população LGBTI+, ou mesmo quiser dividir este conhecimento com outras pessoas, use este guia.

O Guia, além de servir como um documento que ajuda as pessoas a aprenderem mais sobre diversidade e como praticá-la, também comemora a existência das diferenças, que fazem de nós pessoas únicas.

Quem são as pessoas LGBTI+?

São uma população que é caracterizada pela multiplicidade de orientações sexuais (a atração sexual que uma pessoa sente por outras pessoas) e românticas (é a possibilidade de uma pessoa se apaixonar por outras pessoas), identidades de gênero (como cada pessoa reconhece seu gênero, independente do sexo biológico) e expressões de gênero (é como a pessoa se expressa publicamente, com roupas, maneiras, etc). E, ainda na sigla temos questões relacionadas ao sexo biológico (é a classificação que diz respeito às características biológicas/sexuais baseada na genitália, padrão de cromossomos ou hormonal) porque nela também estão incluídas as pessoas intersexuais.

O que é orientação sexual?

É a atração sexual - involuntária e inerente - que uma pessoa sente por outras pessoas. Aqui encontramos pessoas homossexuais (atração pelo mesmo gênero), heterossexuais (atração pelo gênero oposto), bissexuais e pansexuais (atração por mais de um gênero ou independente do gênero), assexuais (sem ou pouca atração sexual), e outras. Orientação sexual não é questão de escolha, e respeitar a de cada um é o correto a ser feito em todos os casos.

O que é orientação romântica?

É a atração romântica ou possibilidade de se apaixonar que uma pessoa pode sentir por outras pessoas. Não necessariamente envolve sexo, ou seja, não está relacionada diretamente com a orientação sexual. Por exemplo, uma pessoa pode ser assexual e homorromântica, ou seja, sente pouca ou nenhuma atração sexual, mas se apaixona por pessoas do mesmo gênero que o seu.

O que quer dizer a sigla?

L

LÉSBICA

Mulher que se relaciona sexualmente e/ou afetivamente exclusivamente com outras mulheres.

G

GAY

Homem que se relaciona sexualmente e/ou afetivamente exclusivamente com outros homens.

B

BISSEXUAL

Pessoa que se relaciona sexualmente e/ou afetivamente com pessoas do mesmo gênero e de gêneros diferentes.



O que quer dizer a sigla?

T

TRANS/TRAVESTIS

Pessoa trans é a que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento; já travesti é pessoa que foi designada pelo gênero masculino ao nascer, mas se reconhece numa identidade feminina. Pelo fato das identidades se basearem na auto identificação, o ideal é entender como a pessoa se vê e respeitar isso. O termo “travesti” foi ressignificado positivamente, passando a ser visto como uma identidade sociopolítica por ativistas da América do Sul.

I

INTERSEXUAL

Pessoa que nasce com órgãos sexuais, padrão cromossômico, alterações hormonais e/ou ambiguidades sexuais que não condizem com o padrão convencional para sexo feminino ou masculino.

+

+

O + abrange outras nomenclaturas (incluindo diversas identidades de gênero, sexualidades e expressões de gênero). Alguns exemplos são:

- drag queens: pessoas que se vestem e interpretam o papel feminino de modo artístico;
- pessoas com expressão de gênero andrógina, ou seja uma expressão que não se enquadra nem em feminina, nem em masculina;
- pessoas do espectro demissexual, cuja manifestação da atração sexual está correlacionada a traços da orientação romântica;
- gênero fluído: pessoas que podem transitar entre o masculino e o feminino na binariedade de gêneros ou fora dela.

Pessoas LGBTI+ e interseccionalidades

Nós, seres humanos, possuímos múltiplas características como raça e etnia, orientação sexual, gênero, deficiências, classe social, entre outros elementos que, em conjunto, constituem uma experiência de vida. Uma pessoa pode ser LGBTI+ e ter uma deficiência visual, isso quer dizer que ela experiencia o mundo de uma maneira diferente de uma pessoa com deficiência não LGBTI+, ou ainda de uma pessoa LGBTI+ sem deficiência.

O que é interseccionalidade?

É um conceito sociológico que evidencia os cruzamentos de diferenças e de marcadores sociais. A interseccionalidade é uma maneira de entender vivências específicas de pessoas que estão em mais de um grupo sub-representado.

Por exemplo: A vivência de uma mulher branca não é igual a de uma mulher negra e isso não deve ser ignorado, porque a discriminação de gênero soma-se à discriminação racial.



Pessoas LGBTI+ e interseccionalidades

Mulheres LGBTI+

Devido à desigualdade de gênero, e o tabu de que mulheres não podem falar sobre sexo, é mais difícil para elas falarem sobre sua sexualidade. Quando são mulheres negras e/ou trans, o preconceito vivido aumenta ainda mais. Mulheres que fazem parte da comunidade LGBTI+ correm maior risco de violência, como por exemplo, sofrer “estupro corretivo” no intuito de puni-las. Em média, 6 lésbicas foram estupradas por dia em 2017, em um total de 2.379 casos registrados, segundo levantamento exclusivo da Gênero e Número a partir de dados obtidos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan, parte do Ministério da Saúde) via Lei de Acesso à Informação. Em 61% dos casos notificados, a vítima foi estuprada mais de uma vez. A violência contra mulheres LGBTI+ pode tomar diversas formas, pode ser sexual e ter a intenção de “mudar” sua orientação sexual (no caso de mulheres lésbicas e bissexuais, por exemplo); ou pode ser uma tentativa de exclusão, como a expulsão de casa, que infelizmente é comum no caso de mulheres trans (pessoas que nascem com sexo masculino e depois se identificam com o gênero feminino). Ainda falando sobre mulheres trans, estas têm uma expectativa de vida muito baixa, de apenas 35 anos, metade da média nacional segundo dados da Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) em 2020. Este fato está relacionado diretamente à discriminação e violência vividas ao longo da vida destas mulheres.

Pessoas LGBTI+ negras

O racismo é toda exclusão, restrição ou preferência baseada em raça e cor, sendo o principal fator da desigualdade social. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), pessoas pretas e pardas, mesmo representando 56% da população brasileira, estão em desvantagem no mercado de trabalho, apresentando os piores indicadores de renda, condições de moradia, escolaridade, acesso a bens e serviços, além de estarem mais sujeitas à violência e terem baixa representação em cargos de gerência. Quando se entrecruza com a diversidade de gênero e identitária, esse fator aumenta ainda mais: por exemplo enquanto pessoas LGBTI+ brancas lutam pelo direito ao matrimônio e igualdade, a realidade para grande parte das pessoas negras LGBTI+ é lutar por sobrevivência, como direito a alimentação e moradia digna. O racismo potencializa a LGBTIfobia (ódio, preconceito, discriminação e violência contra pessoas LGBTI+), da mesma forma que a LGBTIfobia intensifica o racismo. Não se combate LGBTIfobia sem lutar contra outros preconceitos como racismo. Assim, enfrentar a LGBTIfobia é essencial, assim como se faz essencial uma luta conjunta contra o racismo, já que a interseccionalidade nos demonstra que, sem olhar para outros recortes de diversidade, estamos deixando de fora uma parcela das pessoas LGBTI+ que sofrem com outras opressões além da LGBTIfobia.

Pessoas LGBTI+ e interseccionalidades

Pessoas LGBTI+ de diferentes gerações

Se é difícil para pessoas LGBTI+ mais jovens, pense em como deve ser desafiador para pessoas idosas LGBTI+ (sendo pessoa idosa no Brasil toda pessoa com idade igual ou superior a 60 anos de idade, conforme o Estatuto do Idoso de 2003), um grupo que somente pela idade já tende a ser excluído e invisibilizado? O envelhecimento LGBTI+ é marcado por uma dupla invisibilidade, relacionada à idade e à sexualidade ou identidade. Muitas pessoas acima de 60 anos, escondem suas sexualidades devido a solidão e o abandono, já que conforme mostra um estudo do Williams Institute (Universidade da Califórnia) quase 60% de pessoas idosas homossexuais se ressentem da falta de companhia e 50% se sentem isoladas. Assim, pessoas LGBTI+ idosas, para serem aceitas de volta pela família, muitas vezes abrem mão da sua identidade de gênero ou de demonstrar sua orientação sexual. Além disso, ainda existe o mito da assexualidade da pessoa idosa, ou seja, ausência de desejos sexuais, o que faz com que as mesmas tenham que reprimir ainda mais seus desejos e vontades para estar em conformidade com o que é esperado para a sua idade. Por fim, lembrando o que foi falado sobre mulheres trans, entre este grupo o envelhecimento é um privilégio já que a expectativa de vida é de 35 anos, segundo a Antra.

Pessoas LGBTI+ com deficiência

Quase 25% da população brasileira possui algum tipo de deficiência, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em pesquisa do Censo em 2010. Deste montante, certamente temos uma grande parcela que também é LGBTI+. Mas por que elas não são representadas dentro da população LGBTI+? As pessoas com deficiência muitas vezes não são vistas como um corpo sexual ou corpos que possuem desejos e que podem ser desejadas como qualquer outra pessoa. Muitas vezes são infantilizadas e tratadas como menos capazes de se relacionar sexualmente ou afetivamente. O capacitismo, quando associado a outras formas de preconceito, como a LGBTIfobia e a marginalização social, aumenta ainda mais a dificuldade de inclusão social destas pessoas.

Pessoas LGBTI+ e manifestações de exclusão

Depois de falarmos sobre as diferentes intersecções e identidades dentro da população LGBTI+, é importante falarmos sobre as manifestações de exclusão sofridas por esta população. Quando falamos de manifestações de exclusão, é importante começar diferenciando preconceito e discriminação.



Preconceito

O preconceito é uma opinião preconcebida sobre determinado grupo ou pessoa, sem qualquer informação verídica ou razão em especial. Ele é imaterial, um pensamento. O preconceito pode se dar, inclusive, com pessoas que não fazem parte de grupos sub-representados. Por exemplo, uma pessoa pode sofrer preconceito por gostar de determinado tipo de música.

Discriminação

Já a discriminação é a ação baseada no preconceito, ou seja, é material. Na discriminação o indivíduo recebe um tratamento injusto apenas por pertencer a um grupo sub-representado. Um exemplo disto é não contratar uma pessoa com base na sua sexualidade, ou seja, não contratar alguém que é homossexual, mesmo esta pessoa tendo todas as habilidades necessárias para o cargo.

Dito isto, é importante ter atenção às diferentes maneiras pelas quais o preconceito e a discriminação se manifestam.

Pessoas LGBTI+ e manifestações de exclusão

Impedimento de exercer um direito

Algumas vezes a pessoa LGBTI+ pode viver uma situação em que é impedida de exercer um direito, ter direitos violados, ou ser tratada de forma diferente por causa de sua orientação sexual e/ou romântica, ou identidade e/ou expressão de gênero. Isso acontece, por exemplo, quando uma pessoa é impedida de entrar em algum local público por ser trans. Estes comportamentos discriminatórios são crimes previstos na lei nº 7.716/1989, que prevê que a discriminação de qualquer pessoa em razão de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, bem como em razão de sua orientação sexual ou identidade de gênero (transfobia, homofobia, lesbofobia, bifobia etc.), equiparada ao crime de racismo.

Bullying com pessoas LGBTI+

Em muitos casos, pessoas LGBTI+ podem sofrer bullying no trabalho, em casa, na escola e em outros espaços. Isso pode se dar por comentários disfarçados de “piadas de mau gosto”, com apelidos pejorativos, ou até mesmo com supostas “brincadeiras” com a identidade, expressão ou sexualidade da pessoa.

Errar o gênero

Referir-se a uma pessoa utilizando pronomes pelos quais ela não se identifica também é um ato de discriminação. Sendo intencional ou acidental, este comportamento continua sendo violento para a pessoa trans. Por exemplo, chamar uma mulher pelo masculino ou vice-versa, ou então utilizar palavras com gênero, como “meu amigo” para se referir a pessoas que não se identificam nem com masculino, nem com feminino.

Não uso do nome social e uso do nome morto

O nome social é o nome pelo qual pessoas trans preferem ser chamadas, quando não alterado legalmente. Assim, para a população trans, é violento quando uma pessoa se refere a ela pelo nome anterior à transição, nome pelo qual ela não se identifica mais, ou pergunta seu suposto “nome verdadeiro”.

Mitos e verdades

Sessão sobre pessoas gays, lésbicas e bissexuais

“A homossexualidade é uma doença mental e deve ser tratada por profissionais da psicologia”

MITO. A homossexualidade foi banida do DSM (“Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais”, oficial para a profissão de psicologia mundial) em 1973, e do catálogo do Brasil em 1985.

“Pessoas bissexuais estão confusas sobre sua sexualidade”

MITO. Um dos preconceitos que pessoas bissexuais sofrem é justamente relacionado ao mito de que estão confusas ou “ainda decidindo” sua sexualidade. Isso não é verdade. A bissexualidade é uma sexualidade em si, assim como a heterossexualidade e a homossexualidade.

“Casais homoafetivos também podem querer formar família”

VERDADE. Uma das lutas das pessoas LGBTI+ nos últimos anos é pela possibilidade de formar uma família e serem reconhecidas como tal. Assim como entre as pessoas não LGBTI+, a população LGBTI+ tem pessoas que gostam e querem ter família com ou sem crianças.

“Ser LGBTI+ é uma opção sexual”

MITO. Lembre-se que ser LGBTI+ não é opcional. Logo, não existe o termo “opção sexual” e, sim, orientação sexual.

“Lésbicas são sempre mulheres masculinas”

MITO. Lésbicas são mulheres que se relacionam com outras mulheres, e isso não tem relação com feminilidade ou masculinidade. É possível performar feminilidade e ser lésbica, assim como é possível não performar feminilidade e ser heterossexual.

Mitos e verdades

Sessão sobre pessoas trans, travestis e não binárias

“A diferença entre mulher trans e travesti é a cirurgia de adequação sexual”

MITO. Mulheres trans e travestis não têm obrigação de passar por procedimentos estéticos para terem as suas identidades reconhecidas. A diferença entre as duas identidades é somente a identificação da pessoa, sendo que “travesti” é uma identidade que só existe na América Latina, e mulher trans é uma identidade utilizada no mundo todo.

“Pessoas trans buscam a prostituição”

MITO. Apesar de muitas pessoas trans recorrerem à prostituição como meio de sobrevivência devido a discriminação, não é correto relacionar a identidade de gênero de alguém com a prostituição. Neste caso, a busca por esse caminho na maioria das vezes se dá pela falta de oportunidades no mercado formal de trabalho.

“Ao conhecer uma pessoa trans não devo perguntar sobre seu nome verdadeiro”

VERDADE. O nome verdadeiro é aquele que a pessoa escolhe ser chamada. Fazer perguntas sobre o nome morto (nome em que a pessoa foi registrada em certidão) pode ser extremamente violento para uma pessoa trans. Então evite fazê-lo para não criar uma situação desconfortável.

“Homens trans não são homens reais”

MITO. Mulheres e homens trans são mulheres e homens tal qual os cisgêneros (se a pessoa, ao longo da vida, se entende/se identifica com o mesmo gênero atribuído ao momento do nascimento, é cisgênera). A única diferença entre os dois é o sexo de nascimento, mas isso não torna uma identidade menos real ou verdadeira do que outra. Pessoas trans devem ter seus direitos garantidos, como por exemplo, usar o banheiro de acordo com sua identidade de gênero. Lembre-se: gênero é um conceito social e não está relacionado ao sexo biológico.

“Pessoas não-binárias nem sempre devem ser consideradas trans”

VERDADE. Algumas pessoas não binárias não acham que transgênero é uma palavra adequada para suas experiências, mas várias pessoas não binárias se identificam como pessoas trans. Aqui o que vale é a experiência e identificação de cada pessoa não binária.

Como posso me posicionar a favor da diversidade?



Pergunte

Na dúvida, reconheça que não conhece sobre a causa da pessoa por não vivenciá-la, e pergunte-se sempre se é apropriado fazer algum comentário. Esclareça algum conceito ou pergunte qual o pronome a pessoa gostaria de ser identificada.



Não faça comparações

A sua experiência com o preconceito pode ser assimétrica ou desproporcional se comparada às experiências de outras pessoas.



Escute

Dê propriedade de fala para as pessoas LGBTI+, já que são elas que sofrem discriminação e sabem como gostariam de ser tratadas.



Reconheça o seu viés inconsciente

Questione seus julgamentos. Reveja seus preconceitos. Não existem pessoas que não possuem vieses e façam escolhas ou análises imparciais.

Como posso me posicionar a favor da diversidade?



Misture-se

Permita-se conhecer pessoas novas e diferentes de você, aprenda algo novo todo dia. Nós temos mais coisas em comum do que imaginamos, acredite!



Respeite sempre

O importante, no final das contas, é demonstrar empatia. As nossas diferenças não devem ser motivo para gerar desrespeito.



Entenda as interseccionalidades de identidade

Lembre-se que pessoas LGBTI+ podem também sofrer preconceitos por conta de outras expressões de suas culturas e identidades, como por exemplo de raça e etnia, religião, deficiência, idade e gênero.



Posicione-se

Sempre que presenciar uma situação de preconceito ou discriminação, posicione-se a favor da pessoa que está sofrendo a violência. Isso quer dizer tanto apontar comentários inapropriados como também acionar órgãos de proteção como a polícia. Lembrando que mulheres trans e travestis têm o direito de serem atendidas pelas delegacias especializadas em atendimento à mulher.

Linguagem inclusiva

A linguagem neutra é uma maneira de se comunicar voltada para incluir o maior número de pessoas. Quando usamos uma linguagem com gênero neutro, estamos incluindo e reconhecendo a existência de todas as pessoas (pessoas binárias e não binárias).



Dicas para linguagem neutra

Pergunte-se:

- **Todas as pessoas estão incluídas nessa fala** ou escrita, inclusive mulheres e pessoas não binárias?
- Estou utilizando o **homem como representante** do todo?

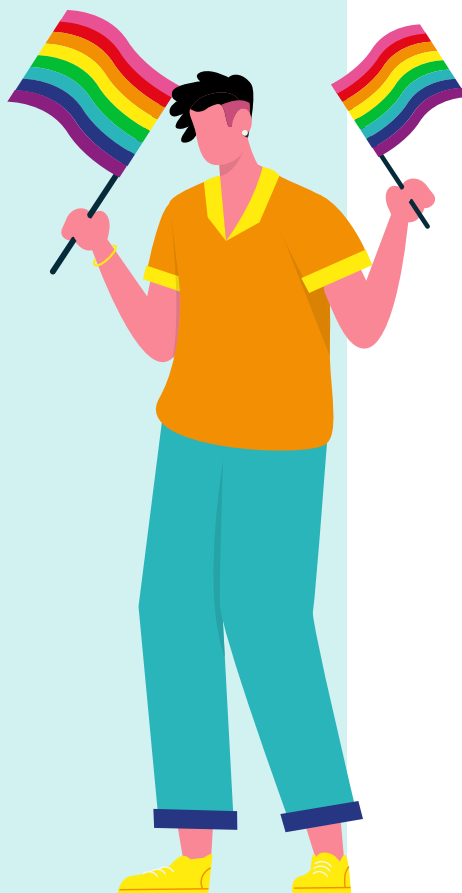
Escolha palavras que não possuam gênero.
ex: pessoa, talento, etc.

- **Mude a estrutura** da frase.
Ex: troque “fique atento” por “preste atenção”.

Linguagem inclusiva

Lembre-se

- O Homem não representa todas as pessoas.
- Esqueça o X. Softwares de leitura não reconhecem essas palavras, ou seja, pessoas com deficiência visual ou pessoas analfabetas que utilizam isso perdem a informação. Além disso, a utilização do x dificulta a leitura para pessoas que possuem dislexia.
- Se dirija a “todas as pessoas” quando estiver se comunicando com um grupo. “Boa tarde a todas as pessoas” é um bom exemplo de como começar sua fala.



Mas e quando estou falando com alguém que se identifica como não binária, como faço?

Muitas pessoas têm esta dúvida, e aqui temos algumas dicas para ajudar:

- Não sabe com que pronome tratar alguém? Pergunte: “Com que pronome trato você?” Ou então mantenha sua atenção na maneira como a pessoa se refere a ela mesma. Ela fala no masculino? Então devo tratar no masculino. Ela fala dela mesma no feminino? Logo, devo tratá-la no feminino.
- Muitas pessoas não binárias utilizam tanto o feminino quanto masculino, e ainda há quem prefira o uso de gênero neutro. Neste caso, você deve perguntar qual pronome deve utilizar e tentar o máximo possível não condicionar o gênero nas suas falas.

Boas práticas para diversidade e inclusão

Nas seções anteriores deste guia falamos sobre como reconhecer manifestações de exclusão, preconceito e discriminação. Para mudar esse cenário precisamos conhecer quais as boas práticas para a criação de um Brasil mais inclusivo. E é isso que queremos dividir aqui com você!

Incentive e escute o que a pessoa tem a falar

A premissa de um lugar realmente inclusivo é que todas as pessoas se sintam confortáveis para falar o que pensam, desde que não ofendam outras pessoas. Portanto, incentive as pessoas a compartilharem suas experiências e seu ponto de vista. E escute! Você pode descobrir novas soluções para antigos problemas.

Evite julgamentos! Nunca sabemos sobre o que a pessoa pode estar passando

Fazer julgamentos é quase inevitável, porém lembre-se que seus julgamentos são juízos de valores com base nas suas experiências de vida, e que não se aplicam a todas as pessoas. O mundo está em contante mudança, os valores e as pessoas também, isso não significa que os seus valores e suas experiências são melhores ou piores que das outras pessoas. Respeitar a diversidade é construir um mundo mais justo e inclusivo.

Abra sua mente para o diferente!

Esteja com a mente aberta para novas visões de mundo e para empatizar com novas culturas. As pessoas têm vivências diferentes e isso só faz delas ainda mais especiais por trazerem novas maneiras de ver o mundo para nossas vidas. Abra-se para novos aprendizados.

Seja agente da transformação

Faça parte da transformação, vivencie a diversidade e a inclusão.

Você tem o poder de desempenhar um papel fundamental na prevenção ou interrupção da discriminação. Desencoraje a pessoa que está agredindo, defendendo a vítima ou a redirecionando a situação para longe da discriminação.

Seja uma pessoa aliada!

Pessoas aliadas são indivíduos que apoiam uma causa, independente de fazer parte dessa população.

Você não precisa ser LGBTI+ para apoiar a causa LGBTI+! Ser uma pessoa aliada é entender que não somos iguais e entender que as diferenças devem ser valorizadas e celebradas. Ser uma pessoa aliada é saber e reconhecer seus próprios privilégios e fazer parte dessa luta contra preconceitos e discriminações que ainda persistem.



Como pessoas aliadas LGBTI+ agem:

- Criam de ambientes seguros e livres da discriminação.
- Defendem pessoas LGBTI+ em situações de preconceito ou discriminação.
- Atuam na conscientização entre pessoas não LGBTI+.

Cada pessoa aliada, simplesmente existindo, pode encorajar outras pessoas a se tornarem aliadas também.

Junte-se a nós!

Trajetória

DORITOS® Rainbow

O apoio de DORITOS® Rainbow à causa começou no Brasil em 2017, quando o produto foi lançado pela primeira vez. Desde então, DORITOS® iniciou as parcerias com instituições e aumentou a assistência a programas e projetos como abrigos, oficinas de capacitação e cursos profissionalizantes para pessoas da comunidade LGBTI+. Em 2018 e em 2019, novamente, a renda arrecadada com DORITOS® Rainbow foi revertida para mais 5 instituições que apoiam a causa LGBTI+ em todas as regiões do país. Ainda no ano de 2019, a edição do snack foi lançada no Rock in Rio 2019, dando ainda mais visibilidade para a causa no Brasil.



Já no ano passado, DORITOS® promoveu a campanha #1kiss1donation com mecânica de doação, que destinou R\$ 1 milhão a instituições em todas as regiões do Brasil. Além disso, a marca ofereceu em 2020, em parceria com a Rede Filantropia, um programa de capacitação e fortalecimento da gestão de projetos sociais voltados ao público LGBTI+, com cursos online e 100% gratuitos.

Em 2021, DORITOS® doará novamente 1 milhão de reais que serão divididos entre 10 instituições de diferentes regiões do país, e mantém a parceria com a Rede Filantropia, disponibilizando capacitação gratuita com foco em projetos ligados à causa LGBTI+.

Sobre a parceira TODXS e DORITOS®

A parceria entre a TODXS e DORITOS® começou com o desejo de fazer da sociedade um lugar mais inclusivo para pessoas LGBTI+.

Através da criação deste guia esperamos sensibilizar pessoas para o tema, educando e criando uma sociedade mais acolhedora para a diversidade. A diversidade é um valor essencial para nós, e é por isso que contamos com cada pessoa que está tendo contato com este guia para tornar o Brasil um lugar melhor.



Sobre a TODXS

Somos uma organização sem fins lucrativos que promove a inclusão de pessoas LGBTI+ na sociedade com iniciativas de formação de lideranças, pesquisa, conscientização e segurança. Neste âmbito, para além dos projetos que desenvolvemos junto à sociedade civil, também atuamos no setor privado, através da TODXS Consultoria.

A TODXS Consultoria oferece serviços de consultoria em diversidade e inclusão para empresas que queiram participar desse movimento de aumento da equidade social no mercado de trabalho.

Auxiliamos empresas a promover mudanças comportamentais e estruturais por meio de nossos produtos e serviços de consultoria focada em gênero, raça/etnia, pessoas LGBTI+, pessoas com deficiência e diferenças geracionais.

**Quer conhecer mais sobre
a TODXS e nossos projetos?**

Acesse: www.todxs.org

Nos siga no Instagram [@todxsbrasil](https://www.instagram.com/todxsbrasil)

***Viva a liberdade
de ser quem você é***

